

É UM PARTO... nascimento e empoderamento na sociedade brasileira.

Graciela de Souza Oliver

No século XX, assim como em muitos países, a sociedade brasileira buscou no avanço científico e tecnológico a solução para diversos problemas sociais. A assistência à saúde das mulheres não passou despercebida entre os profissionais da saúde e também da educação. No decorrer deste tempo, diversos paradigmas científicos e da educação sexual deixaram suas marcas tanto nas culturas como nos corpos, mesclando-se e distinguindo-se de outras construções culturais de diversos matizes. Independentemente do sexo de quem fala, quando ouvimos dizer ou dizemos que algo é um parto temos como pano de fundo um consenso de que se trata ou se tratou de algo difícil e tem sempre como imagem um parto vaginal. Tendo vivido ou não um parto, o termo no senso comum remete a algo sofrido, demorado, desgastante, um grande esforço, ou algo forçado pelo qual se deveria passar, um processo em que por mais que se faça não há como evitar a dor, ou, muitas vezes, um completo aniquilamento ou ideia de quase morte e/ou quase sem saída. Por fim, uma luta pela vida e ou sobrevivência. Mas reproduzindo sempre este significado do termo parto, que chances teremos de perpetuar o parto vaginal como algo bom? O ensaio abaixo buscará abordar o significado do parto vaginal como evento cultural, discutindo como as mulheres podem encontrar nas narrativas várias alternativas para a construção de sua identidade como mãe/ mulher de uma maneira construtiva na sociedade.

*Eu nasci de “fórceps de alívio”. E você? Sabe a história de seu nascimento? O que ela marcou em você? Minha filha nasceu de uma “desne”cesárea e meu filho de um VBAC sem intervenção médica ou iatrogenias. E seus filhos ou outras crianças próximas a você? O que isso marcou na sua relação com eles e com as demais pessoas? Que relatos de parto você escutou nos últimos anos?*

O nascimento e a morte são eventos fisiológicos e culturais que têm a sua historicidade. *Eros e Tanatos* andam juntos desde os primeiros segundos de nossa respiração.

<http://www.rodadepsicanalise.com.br/2013/11/eros-e-tanatos-nossas-porcoes-de-vida-e.html>

Apesar dessa essência humana, das forças antagônicas ou dialéticas sempre presentes, não se nasce nem se morre igual em todos os lugares, culturas e no decorrer do tempo. E, novamente, apesar da historicidade destes eventos, devemos notar que eles são únicos do ponto de vista dos indivíduos participantes em seus contextos. São também geradores de narrativas únicas e constituintes de um poder de pertencimento e encantamento perante o coletivo. Isso significa que nascer e morrer não são apenas eventos biológicos, individuais, ou estatísticas

sociais. São construídos culturalmente, coletivamente, e atrelam a realidade da vida material à simbólica, permitindo constantes narrativas e suas recriações no decorrer do tempo.

Tais narrativas são portadoras de grande poder criativo, psíquico e político, podendo reforçar ou restringir vínculos sociais, estabelecendo também um *telos* e um sentido de futuro. É no nascimento que “morre” uma identidade feminina e nasce uma mãe, bem como uma nova forma do indivíduo lidar com o mundo. Falo aqui em nascimento para não fazer distinção entre os tipos de parto, ou até mesmo de uma cesariana, e ainda para tratar da figura mãe independente se é a biológica ou adotiva e do gênero. A figura materna nasce ao incumbir-se como responsável pelo outro ser dela dependente.

Assim, apesar de temporalmente, culturalmente e fisiologicamente conseguirmos identificar os diferentes tipos de nascimento e morte, cabendo classificá-los, organizá-los, registrá-los e até prevê-los por meio de diversas tecnologias e ciências, nascer e morrer são atos híbridos, unem macro e micro, simbólico e material, indivíduo e coletivo, psique e corpo. Gostaria, portanto, de neste ensaio propor uma leitura do nascimento, especificamente por via vaginal, pela teoria ator-rede. A possibilidade de assim trabalhar com este tema por esta perspectiva é justamente salientar que esse aspecto “pesado” dado ao termo parto em muito se refere a como historicamente a modernidade e a cientificidade foi tomando conta do parir e do corpo feminino em nossa sociedade.

Parto do princípio, desta maneira, que o evento “parto vaginal” nubla as fronteiras entre coisas que normalmente separamos, quais sejam: entre natureza e a tecnologia, caos e ordem, entre crença e razão, corpo e psique e entre diferentes identidades (mulher/ mãe), natural e artificial, entre negro e branco, entre branco e índio, entre pobre e rico, etc. Por essa razão, assumo como premissa que o aspecto negativo que é reverberado historicamente na sociedade brasileira está intimamente atrelado ao lugar das mulheres e da expressão de seus corpos, em suas diferentes etnias, crenças e classes sociais, e dos processos históricos que vivemos em relação à modernidade e à C&T.

Também compreendo que as narrativas ou relatos de parto trazem elementos questionadores sobre as fronteiras da modernidade. Seu estudo constituir-se-ia como via alternativa para mudar a assistência à parturiente nos dias de hoje. Deseja-se, sobretudo, uma mudança que gere empoderamento, permitindo à parturiente sua presença, consciente e ativa no processo de parir por vias vaginais e que parto vaginal não seja mais sinônimo de violência e falta de assistência, para dizer o mínimo.

*“Eu pari, mas as contrações não foi eu que fiz. Elas apenas vieram. Eu tomei o chá de canela, artemísia, fiz banhos e usei incenso, mas não sabemos efetivamente como atuaram. A*

*doula me disse para ir ao chuveiro e isso foi bom. Trouxe contrações ritmadas e eu fiquei feliz com isso. O ritmo da vida me dizia que tudo acabaria bem. Eu torcia para que elas voltassem. O pedido de minha mãe, após ouvir que eu estava com medo: \_ O que você precisa? \_ De um abraço! E assim me enchi de certezas, paz e alegria. Lembro sim de ter sentido dores muito fortes, de ter medo de morrer, do bebê morrer, mas as dores e os medos se foram no momento em que o bebê nasceu, eu acreditei nisso. Não seria um sofrimento em vão e para sempre. Eu sorria ao pensar que o bebê estava a caminho. A força deste momento de dor transformado para o mais profundo amor, era maior que eu. Eu poderia ter tido meu filho em casa, mas fui para o hospital. Nesse trajeto, o pneu furou e fiquei 50 minutos dentro do carro na rua. Um homem que esperava o ônibus trocou o pneu. Vi o nascer sol enquanto tudo isso acontecia. Eu poderia ter aceito todas as intervenções (sorinho, anestesia, manobra de Kristeler, bisturi), mas resisti bravamente, pois assim como estava, estava bom. Fui tida como louca e demente. Acocorei-me naquela mesa fria de inox, para ter meu filho, porque assim me parecia certo. Novas ameaças se eu não deitasse. Combinado com a doula que nos finalmente ela me empurraria para a frente. E acorada nos estribos, pari num sonoro e baixo AHHHHHHH. Da hora que cheguei no hospital às 7hs da manhã, meu filho nasceu vinte e cinco minutos depois. Fiz todo meu trabalho de parto em casa e no carro sozinha. Foi bom e ruim ao mesmo tempo. No final, o médico disse que “tivemos sorte” que eu tinha sido “corajosa”. Eu disse que eu estava preparada e “desculpa pelo tapa que te dei!”.”*

Um parto é um conjunto de ações humanas, não-humanas, da natureza, de nossas crenças diversas e/ou religião, não somente naquele momento, mas é o fim de um processo, que nos remete a outros inúmeros outros, seja no passado ou no futuro. É preciso estar ali e nada mais – a famosa “partolândia” é um estado outro de consciência. E por mais que por sobre este evento venham inúmeras outras ações: onde se nasce, o que, quem e por que nasce, como e quando se nasce, nunca se sabe ao certo. Será sempre uma narrativa em aberto e em constante construção, mas as marcas do tempo e dos conflitos da modernidade estão todas aí.

Assim, ainda que qualquer sujeito possa se atrelar a este predicado – “...é um parto”, as frases portadoras de sentido são apenas aquelas em que os sujeitos contêm uma ação. Esta seria uma boa forma de ver o ser humano em processo de vir a ser, mas nem sempre nos enxergamos assim ou mesmo o Estado não nos vê assim. Uma pomba não pode ser um parto, mas a pomba voando sim. O parto como um ato só pode ser correlacionado a outros atos, processos, hábitos, costumes e/ou práticas. Disso decorre sua relevância psicológica, política e cultural, na medida em que todo ato social ocorre em meio a uma rede de coletivos humanos, não humanos, ligando passado, presente e futuro. Por vezes, essa teia de ações e sujeitos se consolidam, transformando narrativas abertas em, infelizmente, rotinas médicas. Nesse contexto vamos delimitando cada vez mais nossos sentidos de ser e vir a ser e agir. O que antes era da esfera do conhecimento

feminino, materno, ficou esquecido ou marginalizado junto com as antigas chamadas “parteiras”.

<http://alex-doula.blogspot.com.br/2008/12/reflexo-de-graciela-de-souza-oliver.html>

Para além desses pontos essenciais e fundamentais acima, as imagens abaixo destacam duas relevantes questões sobre parir: quem decide os atos no parto? Quais as consequências dessas decisões para a sociedade?



Preparação para uma cesariana

[\(http://veja.abril.com.br/blog/rodrigo-constantino/saude/e-preciso-fazer-uma-cesariana-para-extirpar-o-comunismo-da-fiocruz/\)](http://veja.abril.com.br/blog/rodrigo-constantino/saude/e-preciso-fazer-uma-cesariana-para-extirpar-o-comunismo-da-fiocruz/)

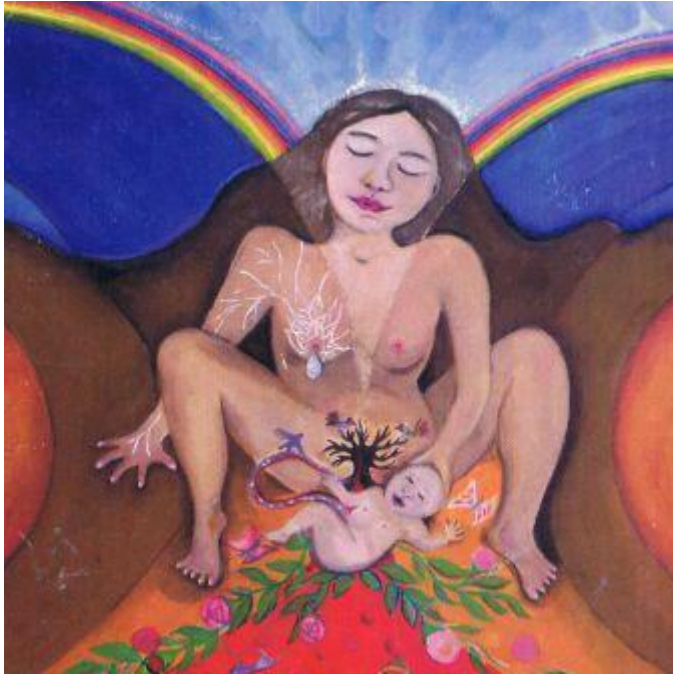


Ilustração sobre o nascimento

(<http://www.lactandoamando.com/2013/02/fue-parto-por-cesarea-o-natural.html>)

Por que parir é ruim? Quem pariu? Onde pariu? Quem viu? Como viu? E se sentiu?— Pensemos no que nos atrela ao aspecto negativo e, com isso, a procura por esse sujeito em ação, traga alternativas de construção de uma sociedade mais respeitosa e ainda assim pautada no conhecimento científico no momento de nascer.

A maior parte das pessoas nascidas no Brasil até início da década de 1960 nasceu em casa de parto vaginal, com ou sem cordão no pescoço, independente de quantas voltas, do peso do bebê, se era o primeiro ou o quinto, se gêmeos, se nascia primeiro a cabeça ou não. As parteiras eram esperadas e normalmente homens e filhos saíam de casa, até que alguma notícia chegasse. O nascimento bem sucedido ou não era noticiado para a comunidade próxima de boca em boca, podendo, dependendo da classe social, da cidade e do contexto, ser notificado na imprensa diária. Hoje, o nascimento como notícia está atrelado às diversas mudanças sociais ocorridas nas mídias, na assistência e no modo de vida.

O surgimento da grande imprensa e outras mídias, a partir da segunda década do século XX, segmentou os veículos de comunicação por seu alcance e tipo, alterando o rol dos assuntos que seriam ou não veiculados. Em Santos- SP, por exemplo, até fins da década de 1980 eram noticiadas as mortes e nascimentos, de pessoas célebres ou não, que julgavam relevante informar aos leitores do jornal *A Tribuna*. Talvez, o nascimento e morte ainda sejam notícia atualmente, mas ficam restritos às celebridades locais, nacionais e internacionais, mesmo nos

lugares mais despovoados, como no Estado do Mato Grosso. Lê-se, por exemplo, no *Mídia News* de Cuiabá a notícia sobre o nascimento da filha de Ivete Sangalo em dois de outubro de 2009<sup>1</sup>. Ou mesmo, como notícia do âmbito da saúde pública, como por exemplo, sobre um curso para gestantes e doenças periodontais, na Unidade da Mulher do Hospital de Clínicas Mário Lioni, em Caxias, Baixada Fluminense<sup>2</sup>.

Hoje seria impraticável noticiar no meio impresso ou radiofônico todos os que morreram e nasceram em uma dada cidade. Vê-se que muitos hospitais aderiram a essa demanda da notícia do nascimento, publicando em suas páginas o nome do bebê e, eventualmente, uma foto mediante um *login*. Antes, nascimento e morte tinham o mesmo padrão de notícia, ou seja, faziam parte da rotina das comunidades.

Em pesquisa aos arquivos na cidade de Montes Claros, pude ler num jornal a notícia sobre a morte de um anjinho em 1872, "*que nem as orações nem a ciência foi capaz de salvar*". Religião e ciência andaram muito juntas no Brasil até a primeira metade do século XX. O nascimento era notícia nas cidades pequenas e os jornalistas eram próximos ao cotidiano das pessoas. O nascimento e a morte vinham ao público, com algo que não se pode evitar, pois continuavam a ser um evento contínuo e esperado da esfera social privada, da família. Eram apenas notificados com exclamação, para chamar a atenção dos poderes públicos, quando envolviam crimes ou eram desassistidos.

O declínio das taxas de mortandade a cada mil nascidos ocorreu em dois momentos, entre 1930 e 1950 e depois da década de 1970. Isso se acentua na segunda metade do século XX em diante, com o aperfeiçoamento da cesárea e da construção de modernos hospitais com áreas cirúrgicas apropriadas. Assim, o parto deixou de ser um evento da comunidade para ser um evento hospitalar, reduzindo as taxas de mortalidade materna e neo-natal. Mas em virtude das guerras, da violência nas ruas, do armamento da população e das vítimas do trânsito entre outras tragédias, a morte passou a ser mais notícia do que o nascimento. Assim, a diminuição do nascimento como notícia se deu por uma confluência de transformações sociais e modificações no padrão de vida brasileiro, em que a esfera privada foi sendo cada vez mais incorporada a mecanismos de poder do Estado. Por essa razão, já bastante acostumados às benesses da modernidade conquistada, o que hoje sai do padrão estabelecido, até mesmo um parto

---

<sup>1</sup> Variedades, Bebê Chagando, "Ivete Sangalo já seguiu hoje para maternidade em Salvador *Nascimento do bebê da cantora deve acontecer nas próximas horas*", *Mídia News*, Cuiabá, 02/10/2009. <http://www.midianews.com.br/?pg=noticias&cat=6&idnot=8570>

<sup>2</sup> Correio do Brasil, Rio de Janeiro, "Hospital de Caxias oferece curso gratuito para gestantes", 2/6/2005, <http://correiodobrasil.com.br/hospital-de-caxias-oferece-curso-gratuito-para-gestantes/89066/>.

domiciliar, é considerado algo extraordinário, sensacional e, por vezes é equivocadamente, considerado como um ato reacionário.

Assim, nas cidades criou-se outro tipo de notícia sobre o nascimento. Em jornais sensacionalistas como o *Super Notícia* de Belo Horizonte, Minas Gerais, ainda podemos ler a seguinte notícia:

“Uma criança veio ao mundo na manhã de ontem dentro de um ônibus coletivo. O fato inusitado aconteceu por volta das 7h45 no bairro Castanheira, região Leste de Belo Horizonte. Motorista e cobrador da linha 9030 (Castanheira/Centro) não tiveram outra alternativa senão fazer o parto ali mesmo. Os demais passageiros assistiram à cena estarecidos e houve até torcida quando o menino Luiz Carlos de Souza Almeida nasceu. A criança é saudável e veio ao mundo com 3,38 kg e 50 cm de comprimento. A mãe, a empregada doméstica Silvana de Souza Leite, de 24 anos, assim como o filho, passa bem. Segundo informaram o motorista Ilucirlândio Mendes da Silva Viana, de 34 anos, e o agente de bordo (cobrador) Itamar de Oliveira, de 36, a jovem já entrou no ônibus em trabalho de parto, com o objetivo de chegar à maternidade Hilda Brandão. Ela tomou o ônibus no ponto final e reclamava de fortes dores e contrações. A mulher carregava na mochila roupas dela e do bebê e se encaminhava ao hospital em companhia de uma amiga. [...] Já com o ônibus cheio, Viana iniciou a viagem, mas não parou em nenhum ponto para embarque e desembarque de passageiros. Poucos minutos depois, conforme Oliveira, o bebê começou a nascer. Segundo o motorista Viana, ele parou o coletivo e pediu que a doméstica se sentasse mas ela preferiu ter o filho de pé. <<Quando tiramos a calça dela, o bebê já estava com a cabeça para fora>>, afirmou o motorista.”<sup>3</sup>

O jornal *Super Notícia* é vendido a preços simbólicos, populares, nas bancas e principais esquinas da cidade. Vê-se constantemente o jornal sendo vendido pelas janelas dos abarrotados ônibus e em congestionamentos, nos carros das principais avenidas. Esses partos “heróicos” são normalmente relacionados às classes trabalhadoras ou às periferias. Eles correlacionam em nosso imaginário parto natural com um parto naturalizado, sem assistência médica ou interferência científica, quase como um milagre ou dotado de valores inatos ou ainda extintos humanos.

Falemos claramente, então, os preconceitos embutidos nessas ideias, que estão longe de ser a minha opinião: “a mulher simples, muitas vezes negra, trabalhadora, age naturalmente, tal

---

<sup>3</sup> NASCIMENTO NO COLETIVO, *Super Notícia*, Belo Horizonte, 1/11/2008.  
<http://www.otempo.com.br/sscripts/ JI.noticixml.class.php?veiculo=supernoticia&IdNoticia=19009>

como o animal...”. Por outro lado, essa notícia fará parte da história do menino Luiz e não sabemos exatamente qual exatamente é a visão da parturiente sobre tudo isso que lhe aconteceu naquela manhã. Por outro lado, com as novas tecnologias da informação, os parentes e amigos ficam sabendo do nascimento por telefone celular e redes sociais. Há inúmeros filmes de partos hospitalares e de cesarianas. Antes, um evento da esfera social privada, que, pela ação de médicos, enfermeiras, auxiliares de enfermagem e mídias diversas se tornou um evento da esfera pública, muitas vezes, impessoal.

Os partos hospitalares são idênticos aos olhos das ciências e tecnologias, padronizados, sejam eles normais ou cesáreos. Apenas o olhar técnico e científico saberia pormenorizar detalhes que diferem uns dos outros. Pessoas que, as vezes, nunca se viram na vida são reunidas para dar a sua contribuição ao nascimento único e/ou exclusivo daquela criança naquela família ou para aquela mulher. Esse tipo de nascimento é comum e nas maternidades brasileiras mais de 80% destes nascimentos são cesarianas. No nascimento hospitalar a família tem seu filho num local público e não é reconhecida nas suas identidades, crenças, etnias e conhecimentos. O nascimento se resume ao momento de expulsão ou extração do bebê da barriga da mãe apenas. Todos ficam rapidamente sabendo da notícia e isso acaba virando apenas mais um número nas tabelas estatísticas da saúde dos hospitais e órgãos de política pública.

Assim, apesar da morte superar o nascimento nas grandes mídias, concomitante à crescente intervenção médica, temos a explosão da exposição pública do nascimento nos diversos tipos de mídias e para todos. Enfim, o nascimento deixou de ser notícia privada para a comunidade pelo aumento populacional, medicalização do parto e segmentação e modificação das mídias no século XX.

Mas o que aconteceu com as mulheres, elas esqueceram como parir? Por que cedem ou preferem a uma cesariana como um objeto de consumo? Estreitaram o quadril? Falemos claramente então o que há embutido nessas perguntas, novamente digo, ideias longínquas do que penso: “as negras “cadeirudas” são parideiras; as brancas modelos da beleza europeia, altas e esguias, não.”, “Não se esquece da animalidade sendo de classe mais baixa, pois a luta pela sobrevivência exige isso delas o tempo todo”, as “de classe alta, estão desacostumadas da lida da casa e do trabalho duro”. Quem já não ouviu esse tipo de preconceito? Um preconceito que relaciona etnia e meio social ao processo de parir?

As mulheres querem ter filhos, mas não parir. Muito provavelmente porque parir, parto, relaciona-se em nosso contexto a um ato animal e não civilizado. Nesse caso ouve-se muito a relação entre fazer cesariana e não ter o trabalho de parir, a famosa frase: “entrou sorrindo na maternidade”. Mas será que saiu também assim? Por outro lado e contraditoriamente, parto também é sinônimo de trabalho e, neste país ainda recheado de distinções preconceituosas que



nos remetem às diferenças entre a casa grande e a senzala, trabalho não é visto como algo laborioso, mas sim como sujo, árduo, suarento, em meio a uma multidão, repleto de humilhações. Como será que a mãe do Luiz se sentiu no ônibus? Como heroína ou marginal à modernidade? Como eu me senti por 50 minutos dentro de um carro numa grande avenida de Belo Horizonte?

O que ocorre atualmente no Brasil quanto ao parto vaginal é que falta não somente divulgação de informação, mas, sobretudo, divulgação dos estudos científicos sobre o parto vaginal, feitos aqui mesmo no Brasil, que revelam e criticam a lógica de mercado estabelecida e que é amparada por todo um paradigma científico de assistência à mulher, que encara o parto pela ótica das doenças e disfunções. O parto passou a ser historicamente estudado pela ciência obstétrica por suas patologias há mais de cem anos!

A ciência do parto é uma ciência que busca compreender, classificar, solucionar, extirpar, contornar e salvaguardar as mães e bebês de patologias. Não é à toa que muitos médicos perante um parto normal bem sucedido dizem que o que aconteceu foi por pura sorte. É porque eles estudam tudo o que pode dar errado e não sabem como as coisas, cientificamente, podem dar certo! Não temos tantos obstetras formados nos próprios princípios que a OMS entende como prioritários! É nesse momento que, muitas vezes, a cesárea torna-se o caminho mais viável e rentável aos médicos e hospitais. Além de “*tempo é dinheiro*”. Mas depois de 6 de janeiro de 2015 (Normatina RN no.- 368), toda cesariana deverá ter uma justificativa cientificamente racional e com isso espera-se diminuir os índices desta operação de grande porte e risco e da cesariana como eletiva ou desnecessária.

*“O Brasil, país conhecido pela abundância de recursos naturais, tem sofrido uma das piores ações antiecológicas: apresenta a maior taxa mundial de cesáreas, alcançando índices entre 70 e 90% em alguns hospitais. O parto cirúrgico passou a ser o método “normal” de fazer uma criança vir ao mundo, ocorrendo uma inversão de valores da naturalidade da vida. Este fenômeno permeia a cultura brasileira, pois, ao engravidar, muitas mulheres optam pela cesárea como forma “antidolorosa” de ter filhos, o que não passa de engano e desinformação. [...] A intervenção cesárea é um procedimento capaz de evitar um óbito materno ou fetal quando indicada corretamente, mas representa um risco, para quem poderia ter um parto normal.”<sup>4</sup>*

Nessa matéria o Médico Dr. Heinz Roland Jakobi Médico Ginecologista e Obstetra, de Porto Velho, Rondônia, salienta que o Brasil detêm a liderança mundial de partos cesareanos há pelo menos 30 anos. Isso resulta em gastos inúteis,

---

<sup>4</sup> Jakobi, Heinz Roland. O Parto no Brasil: Fenômeno cultural da cesárea no Brasil. Em: <http://www.amigasdoparto.com.br/ac012.html> (Acessado em 10/02/2015).

algo em torno de 1.653 leitos a cada dia. Essa marca também nos leva a outra mais cruel que é responder por um saldo médio de 114 óbitos maternos por 100 mil bebês nascidos vivos. O médico afirma segundo estudos realizados na UNICAMP que as cesáreas desnecessárias são as primeiras a causar aumento de mortes maternas, de mortalidade pós-parto e de aumento de incidência de prematuridade e síndrome de angústia respiratória do recém-nascido.

O autor finaliza dizendo que os fatores que contribuem para a epidemia de cesárea, são: laqueadura de trompas, falta de reembolso de anestesia para o parto normal, desconhecimento da população dos riscos da cirurgia, conveniência médica devido ao tempo mais curto e melhor remuneração, incentivos financeiros diretos e indiretos para médicos e hospitais, falta de equipamentos para avaliação de risco fetal, mas ainda, a mais importante é a representação social da mulher que a cesárea é indolor e preserva a anatomia vaginal para as futuras relações sexuais.

Parece-me que mais uma vez a sexualidade da mulher brasileira entra em jogo em contraposição aos elementos técnicos e científicos. Mas será efetivamente apenas isso que afasta as mulheres de um parto normal? Como usuária do serviço obstétrico que passou por uma “desnecessária” e seis anos depois por um parto normal hospitalar “sem intervenções médicas” de nenhuma natureza, eu acrescentaria que falta mais do que informações e conhecimentos científicos sobre o parto, seja ele normal ou cesáreo, suas fisiologias, indicações, contra-indicações e pós-parto, é preciso gerar uma cultura positiva e científica perante este. É necessário enxergar os preconceitos existentes perante a sexualidade feminina neste país, que nos constroem e cerceiam nossos movimentos ao parir. Precisamos entender que parto é um processo resultante do ato sexual e assim como o prazer inicial deste ato para ambos os envolvidos, também poderá haver prazer em parir.

O fato de um bebê nascer na sua casa, no ambiente da sua família, da forma como ela for, sendo bem assistido por profissionais competentes não significa um retrocesso. Um parto vaginal domiciliar significa um avanço científico e cultural para a própria humanidade. Significa justamente um ganho em qualidade de vida, amor e laços sociais entre os homens. A ciência obstétrica permite hoje apenas o nascimento impessoal, frio, sem um ambiente acolhedor, sem o carinho e respeito à família e com intervenções, muitas vezes, desnecessárias e não desejadas, que causam todo tipo de dor.

A obstetrícia tradicional decide pela mulher em nome da ciência, pautada por dogmas positivistas já ultrapassados de universalidade, neutralidade e objetividade. O nascimento dos “indivíduos”, inertes das estatísticas, deveriam ser considerados hoje sujeitos culturais dotados de vontades, desejos, pertencimentos e ações, e, portanto, não deveria ser uma ação momento homogeneizado. Seguindo a linha de Touraine, o movimento feminista estaria no centro da

transformação cultural das sociedades ocidentais, porque permite nas suas lutas a conquista do respeito às diferenças em prol de todos, tomar conta da cena do parto é só o começo de uma grande luta de ganho para si do seu corpo, suas identidades, sua sexualidade, suas ações e labores, suas mediações e suas narrativas!

Fenômenos complexos como o parto não podem ser reduzidos a um único processo patológico, à atuação preponderante de um único tipo de profissional. São fenômenos que devem ser estudados de forma interdisciplinar. O ato de dar a luz, trazer uma criança ao mundo, não é apenas um evento médico ou científico, é algo de inúmeras representações e vivências que deveriam variar e respeitar as etnias, idades, locais de preferência para parir, posições e recheado de assistência de todo tipo, não só científica. Esses partos geram lindas narrativas e neste caso, deixo como sugestão que vocês curtam a página do Renascimento do Parto. Lá nota-se diversos relatos de parto que foram construídos de maneira respeitosa tendo a mulher e o bebê como centro das tomadas de decisão sobre o ato de parir. Mudemos o mundo desde o início!